

STEPHEN  
KING

A ZONA MORTA

TRADUÇÃO  
Maria Molina



Copyright © 1979 by Stephen King  
Publicado mediante acordo com o autor através da The Lotts Agency.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
The Dead Zone

*Capa*  
Jorge Oliveira

*Imagem de capa*  
Andrea Izzoti/ Shutterstock

*Preparação*  
Emanuella Feix

*Revisão*  
Marise Leal  
Luciane Varela Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

King, Stephen  
A zona morta / Stephen King ; tradução Maria Mo-  
lina. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Suma de Letras, 2017.

Título original: The Dead Zone.  
ISBN 978-85-5651-033-4

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana  
I. Título.

17-03423

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/sumadeletrasbr](https://facebook.com/sumadeletrasbr)

[instagram.com/sumadeletras\\_br](https://instagram.com/sumadeletras_br)

[twitter.com/Suma\\_BR](https://twitter.com/Suma_BR)

## NOTA DO AUTOR

Este livro é uma obra de ficção. Todos os personagens principais são fictícios. Uma vez que o pano de fundo da história se passa na década de 1970, o leitor pode reconhecer algumas figuras reais que desempenharam seus papéis nesse período. Espero que nenhuma dessas figuras tenha sido mal representada. Não existe um terceiro distrito eleitoral em New Hampshire e nenhuma cidade chamada Castle Rock no Maine. A palestra de Chuck Chatsworth foi extraída do livro *Fire Brain*, de Max Brand, originalmente publicado por Dodd, Mead and Company, Inc.

## PRÓLOGO

### 1

Na época de sua formatura na universidade, John Smith já tinha se esquecido completamente da pancada que levava na neve, muitos anos antes, naquele dia de janeiro em 1953. Na verdade já era difícil se lembrar daquilo quando terminou o primário. Seus pais nunca ficaram sabendo de nada.

Estavam patinando em um trecho congelado da lagoa Runaround, em Durham. Os garotos maiores jogavam hóquei com velhos tacos emendados e usavam duas cestas de batata como goleiras. Os garotos mais novos apenas matavam o tempo como fazem os garotos desde que o mundo é mundo. Entortavam comicamente os tornozelos para um lado e para o outro, a respiração formava nuvens de vapor nos gélidos seis graus negativos. Em um canto da pista de gelo, dois pneus de borracha ardiam, soltando uma fumaça preta, e alguns pais observavam seus filhos de perto. Não havia começado a era do *snowmobile*, e a diversão de inverno ainda consistia em exercitar o corpo em vez de acelerar um motor a gasolina.

Johnny tinha vindo de casa, bem na divisa Pownal, com os patins pendurados no ombro. Aos seis anos, era um patinador razoavelmente bom. Ainda não o bastante para jogar hóquei com os garotos maiores, mas já era capaz de dar mais voltas do que a maioria dos outros alunos da primeira série, que ficavam sempre abrindo os braços para manter o equilíbrio ou se estatelavam de bunda no chão.

Ainda patinava devagar, contornando os limites da pista. Desejava saber deslizar para trás como Timmy Benedix, ouvir o gelo estalar misteriosamente sob a cobertura de neve além da orla. Ouvia também os gritos dos jogadores de hóquei, o ronco de um caminhão de concreto atravessando

a ponte a caminho da us Gypsum, a fábrica de gesso em Lisbon Falls, e o murmúrio da conversa dos adultos. Ele se sentia muito contente por estar vivo naquele dia frio e agradável de inverno. Não havia nada de errado com ele, nada perturbava sua mente, não queria mais nada... exceto ser capaz de patinar para trás, como Timmy Benedix.

Johnny passou pelo fogo e viu dois ou três marmanjos dividindo uma garrafa de bebida.

— Deixa eu beber um pouco! — gritou para Chuck Spier, que estava encapotado com uma japona de lenhador e uma calça verde, de flanela grossa.

— Sai daqui, pirralho! — disse Chuck, mostrando os dentes em um sorriso amarelo. — Tô ouvindo sua mamãe chamar você.

Sorrindo, o Johnny Smith de seis anos de idade continuou patinando. E, no lado da pista de patinação que dava para a estrada, viu o próprio Timmy Benedix descendo a rampa na frente do pai.

— Timmy! — gritou. — Dá uma olhada!

Johnny virou para trás e começou a patinar de costas, desajeitadamente. Sem se dar conta, estava avançando para a área do jogo de hóquei.

— Ei, moleque! — gritou alguém. — Sai da frente!

Johnny não ouviu. Estava *conseguindo!* Estava patinando para trás! Tinha pegado o jeito — de uma hora para a outra. Tudo dependia do ritmo no vaivém das pernas...

Olhou para baixo, fascinado, querendo observar o movimento de suas pernas.

O disco de hóquei dos grandões, que estava velho, lascado e afiado nas beiras, passou zunindo por ele, também despercebido. Um dos garotos mais velhos, que não era dos melhores patinadores, se jogou atrás do disco, em uma espécie de mergulho de cabeça quase cego.

Chuck Spier viu o que ia acontecer. Ele se levantou e gritou:

— *Johnny! Cuidado!*

O pequeno John Smith ergueu a cabeça... e um instante depois o desengonçado patinador, com todos os seus setenta e três quilos, bateu a toda velocidade contra ele.

Johnny saiu voando, com os braços estendidos. Em uma fração mínima de segundo sua cabeça fez contato com o gelo. Ele apagou.

*Apagado... gelo escuro... apagado... gelo escuro... apagado. Apagado.*

Disseram que ele desmaiou. A única coisa da qual Johnny tinha certeza era que um estranho pensamento não parava de se repetir e que subitamente um círculo de rostos debruçados surgiu sobre ele — jogadores de hóquei assustados, adultos nervosos, garotos curiosos. Timmy Benedix com um sorriso afetado. E Chuck Spier, que o segurava.

Gelo escuro. Escuro.

— Ei! — falou Chuck. — Johnny... Você está bem? Levou uma tremenda pancada.

— Escuro — respondeu Johnny em um tom meio rouco. — Gelo escuro. Não pule mais em cima dele, Chuck.

Chuck olhou em volta, um tanto apavorado, depois retornou a Johnny. Pôs a mão no grande galo que estava se formando na testa do menino.

— Desculpe — disse o estabonado jogador de hóquei. — Eu nem cheguei a ver o garoto. Os moleques têm que ficar longe do hóquei. São as regras. — Olhou ao redor para ver se estava recebendo apoio.

— Johnny? — disse Chuck, que não estava gostando daquele ar nos olhos do garoto. Pareciam escuros e distantes, inexpressivos e frios. — Você está bem?

— Não pule mais em cima dele — repetiu Johnny, sem saber o que estava dizendo, pensando só no gelo... no gelo escuro. — A explosão. O ácido.

— Não acha que a gente devia levar ele ao médico? — perguntou Chuck a Bill Gendron. — Não está dizendo coisa com coisa.

— Dê um minuto a ele — aconselhou Bill.

Esperaram alguns instantes, e os pensamentos de Johnny realmente clarearam.

— Estou bem — murmurou ele. — Me ajuda a levantar. — Timmy Benedix continuou com aquele sorriso afetado. Miserável. Johnny decidiu que mostraria a ele com quantos paus se fazia uma canoa. No final da semana já estaria patinando em círculos ao redor dele... para trás e para a frente.

— Vem com a gente se sentar um pouco perto do fogo — disse Chuck. — Você levou uma baita pancada.

Johnny deixou que o ajudassem a se aproximar do fogo. O cheiro de borracha queimada era forte, ácido, e fazia Johnny sentir um pouco de enjoo. Estava com dor de cabeça. Tocou o galo sobre o olho esquerdo com curiosidade. Teve a impressão de que sua testa havia crescido um quilômetro.

— Consegue lembrar quem é e tal? — perguntou Bill.

— Claro. Claro que consigo. Estou bem.

— Como é o nome do seu pai e da sua mãe?

— Herb e Vera. Herb e Vera Smith.

Bill e Chuck se entreolharam e deram de ombros.

— Acho que está tudo bem com ele — concluiu Chuck, antes de repetir, pela terceira vez —, mas que levou uma baita pancada, levou, não foi? Uau!

— Cara — disse Bill, enquanto acompanhava afetuosamente com os olhos suas irmãs gêmeas de oito anos, que patinavam de mãos dadas —, a pancada provavelmente teria matado um adulto.

— Não um polaco — respondeu Chuck, e os dois deram uma gargalhada. A garrafa de Bushmill's começou a rodar de novo.

Dez minutos depois, Johnny estava de volta ao gelo, a dor de cabeça já quase passando, o galo despontando na testa como uma estranha marca distintiva. Quando foi para casa almoçar, já tinha se esquecido completamente da queda e do momento em que ficou apagado. Estava dominado pela alegria de ter aprendido a patinar para trás.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Vera Smith quando viu o filho. — Como você fez isso na testa?

— Caí! — respondeu Johnny, começando a tomar ruidosamente a sopa de tomate Campbell's.

— Você está bem mesmo, John? — perguntou ela, encostando com delicadeza a mão no filho.

— Claro, mãe. — Ele estava muito bem... exceto pelos pesadelos que teve algumas vezes durante o mês seguinte... os pesadelos e a tendência a ficar sonolento em alguns momentos do dia em que não costumava ter sono antes. A sonolência, aliás, parou de acontecer mais ou menos na mesma época em que os pesadelos também cessaram.

Ele estava bem.

Certa manhã, em meados de fevereiro, Chuck Spier descobriu ao acordar que a bateria de seu velho DeSoto 48 estava descarregada. Tentou dar a carga usando a bateria do caminhão da fazenda. Quando prendeu o segundo polo na bateria do DeSoto, ela explodiu, espalhando fragmentos e um ácido corrosivo em seu rosto. Chuck perdeu um olho. Vera disse que, se não fosse pela misericórdia de Deus, ele teria perdido os dois. Johnny

achou aquilo uma tragédia terrível e foi com o pai visitar Chuck no Hospital Geral de Lewiston, uma semana depois do acidente. A imagem do grande Chuck deitado naquela cama de hospital, todo debilitado e abatido, foi extremamente chocante — e naquela noite Johnny sonhou que era *ele* quem estava deitado lá.

De vez em quando, nos anos que se seguiram, Johnny tinha pressentimentos — sabia qual seria a próxima música no rádio antes que o DJ tocasse, esse tipo de coisa —, mas nunca tinha relacionado aquilo com seu acidente no gelo. Já tinha se esquecido dele.

Os pressentimentos nunca lhe causavam sobressaltos, e também não eram muito frequentes. Foi só na noite da feira regional e da máscara, que algo muito assustador aconteceu, antes do segundo acidente.

Mais tarde, ele pensaria nisso com frequência.

A Roda da Fortuna aconteceu *antes* do segundo acidente.

Era como uma advertência vinda diretamente de sua infância.

## 2

O vendedor cruzava Nebraska e Iowa, sem descanso, sob o sol escaldante daquele verão de 1955. Viajava em um sedã Mercury 53 que já estava com mais de cento e dez mil quilômetros rodados e cujos pistões tinham desenvolvido um nítido zumbido. O sujeito era um homem corpulento com cara de caipira do Meio-Oeste; naquele verão de 1955, quatro meses depois de seu negócio com pintura de casas ter falido em Omaha, Greg Stillson estava com apenas vinte e dois anos de idade.

A mala e o banco de trás do Mercury estavam cheios de caixas, e as caixas estavam cheias de livros. A maioria deles eram Bíblias. Tinha de todos os formatos e tamanhos. Lá estava seu item básico, a Bíblia da American Truthway, com dezesseis ilustrações coloridas, brochura colada, por 1,69 dólar e com a garantia de não soltar as folhas por pelo menos dez meses; depois, editado de maneira mais simplória em formato de bolso, havia o Novo Testamento da American Truthway, por sessenta e cinco centavos, sem ilustrações coloridas, mas com as palavras de Nosso Senhor Jesus impressas em vermelho; e, finalmente, para o comprador de peso, havia A Palavra de



Deus Deluxe da American Truthway, por 19,95 dólares, encadernada em uma imitação de couro branco, podendo o nome do proprietário ser gravado em caracteres dourados na capa, com vinte e quatro ilustrações coloridas e uma seção para registrar nascimentos, casamentos e falecimentos. Além disso, A Palavra de Deus Deluxe podia durar dois anos. Havia também uma coleção de livretos intitulados *American Truthway: a conspiração judaico-comunista contra nossos Estados Unidos*.

Greg vendia mais a coleção, impressa em papel barato, do que todas as Bíblias juntas. O livro contava tudo sobre como os Rothschild, os Roosevelt e os Greenblatt estavam se apoderando da economia e do governo americano. Havia gráficos mostrando como os judeus se relacionavam diretamente com o eixo comunista marxista-leninista-trotskyista e, então, com o próprio Anticristo.

Os dias do macarthismo tinham terminado em Washington havia pouco tempo, mas no Meio-Oeste a estrela de Joe McCarthy ainda não se apagara. E Margaret Chase Smith, do Maine, ainda era conhecida como “aquela puta”, devido à sua famosa Declaração de Consciência. Além da coisa toda sobre o comunismo, a clientela de fazendeiros de Greg Stillson parecia ter um interesse doentio pela ideia de que os judeus estavam dominando o mundo.

Agora Greg estava dobrando na estradinha empoeirada que levava à casa-sede de uma fazenda, cerca de trinta quilômetros a oeste de Ames, em Iowa. A casa tinha um ar de abandono, de coisa trancada (postigos fechados, as portas do curral trancadas), mas nunca se podia ter certeza antes de se investigar. Esse princípio fora muito útil a Greg Stillson nos dois ou quase dois anos que se passaram desde que ele se mudara com a mãe de Oklahoma para Omaha. O negócio com pintura de casas não tinha dado certo, e Greg sentia que precisava dar um tempo das palavras de Jesus — que sua pequena blasfêmia fosse perdoada. Mas agora ele havia voltado para casa — já não pensava no púlpito, não estava mais cheio de fervor religioso, e se ver finalmente livre do negócio dos milagres não deixava de ser um alívio.

Abriu a porta do carro e, quando pisou na estradinha de terra empoeirada, o grande e bravo cachorro da fazenda avançou do celeiro, com as orelhas para trás. Foi uma saraivada de latidos.

— Olá, cachorrinho — disse Greg com sua voz simpática, baixa, mas aliciante. Apesar de ter apenas vinte e dois anos, sua voz era a de um orador experiente.

O cachorrinho não reagiu ao tom amistoso de sua voz. Continuou se aproximando, grande e bravo, como se estivesse obstinado em almoçar um caixeiro-viajante. Greg voltou a entrar no carro, fechou a porta e buzinou duas vezes. O suor escorria pelo seu rosto, deixando o paletó de linho branco com manchas circulares debaixo dos braços e, nas costas, em forma de árvore, estendendo os galhos. Tornou a buzinar, mas não houve resposta. Os caipirões tinham subido em suas caminhonetes da International Harvester ou da Studebaker para ir à cidade.

Greg sorriu.

Em vez de dar uma ré e sair da estradinha, estendeu a mão para trás e pegou um pulverizador de inseticida — só que aquele estava cheio de amônia, e não de Flit.

Puxando o pulverizador para trás, Greg saiu novamente do carro, sorrindo descontraído. O cachorro, que tinha sentado e ficado parado, se levantou de imediato e começou a avançar, rosnando.

Greg continuou sorrindo.

— Sem problema, cachorrinho — falou ele naquele tom simpático, aliciante. — Vem cá. Vem pegar. — Detestava aqueles cães de guarda feiosos que governavam a pequena área em frente às casas como pequenos imperadores arrogantes; eles também diziam alguma coisa sobre o temperamento dos donos.

— Bando de caipiras do caralho — Greg resmungou, baixinho, porém ainda sorrindo. — Venha, cãozinho.

O cachorro foi. Contraindo as coxas para dar um salto. No celeiro, uma vaca mugiu e o vento sussurrou brandamente pelo milharal. Quando o cachorro saltou, o sorriso de Greg se transformou em uma dura e amarga careta. Ele apertou o pulverizador de inseticida e borrifou uma nuvem ácida de gotinhas de amônia bem nos olhos e no focinho do animal.

O latido raivoso se transformou imediatamente em ganidos breves, agoniados, e depois, quando o contato da amônia realmente se fez sentir, em uivos de dor. Logo o cachorro deu meia-volta, não mais um cão de guarda, apenas um vira-lata domado.

A face de Greg Stillson ficou sombria. Os olhos tinham se reduzido a duas desagradáveis fendas. Com um rápido passo à frente, ele deu um chute certeiro no traseiro do cachorro com um de seus sapatos Stride-King, de bico pontudo. O cachorro deixou escapar um gemido alto e, impelido pela dor e pelo medo, selou seu destino ao se virar para enfrentar o agressor em vez de correr para o celeiro.

Com um rosnado, atacou cegamente, abocanhou a bainha da perna direita da calça de linho branco de Greg e a rasgou.

— Seu filho da puta! — gritou Greg, assustado e enfurecido, tornando a chutar o cachorro, desta vez com força suficiente para fazê-lo rolar no chão. Avançou mais uma vez contra o animal e deu outro pontapé, sempre gritando. Agora o cachorro, com os olhos lacrimejando, o nariz em ardente agonia, uma costela quebrada e outra quase rasgando a pele, percebia o perigo vindo daquele louco, mas já era tarde.

Greg Stillson o perseguiu pelo terreno poeirento, arfando e gritando, o suor escorrendo pelo rosto. Chutou o cachorro até fazê-lo berrar de dor, mal conseguindo se arrastar pela terra. O cachorro estava sangrando em várias partes do corpo. Estava morrendo.

— Você não devia ter me mordido. — Greg agora sussurrava. — Está ouvindo? Está me ouvindo? Não devia ter me mordido, seu cachorro de merda. Ninguém fica no meu caminho. Está ouvindo? Ninguém.

Deu outro chute com o bico do sapato manchado de sangue, mas a única coisa que o cachorro pôde fazer foi deixar escapar um som sufocantemente baixo. Greg não via muita satisfação naquilo. Sua cabeça doía. Era o sol. A perseguição ao cachorro debaixo do sol quente. Foi sorte não ter desmaiado.

Fechou os olhos por um momento, respirando depressa. O suor rolava como lágrimas pelo rosto e se acumulava como cristais no cabelo cortado à escovinha, enquanto o cachorro agonizante morria a seus pés. Grãos coloridos de luz, pulsando no ritmo da batida do coração, flutuavam na escuridão atrás de suas pálpebras.

A cabeça doía.

Às vezes achava que estava ficando louco. Como naquele momento. Pretendia dar uma borrifada de amônia no cachorro e fazê-lo voltar ao celeiro para que pudesse deixar seu cartão embaixo da porta da cozinha.

Voltaria outro dia e faria uma venda. Agora aquilo. O caos! Já não era uma boa ideia deixar o cartão, certo?

Abriu os olhos. O cachorro jazia a seus pés, arfando rápido, o sangue pingando do focinho. Quando Greg Stillson olhou para baixo, o animal lambia humildemente seu sapato, como que para admitir que fora derrotado; mas logo voltou à sua ocupação de morrer.

— Não devia ter rasgado minha calça — disse Greg. — Uma calça me custa cinco paus, seu cão de merda!

Precisava sair de lá. Não seria nada bom se Clem Caipirão da Silva, a mulher e os seis filhos voltassem de repente da cidade em sua carroça e vissem o Totó morrendo ali no chão, com aquele vendedor malvado parado na frente dele. Perderia o emprego. A American Truthway não contratava vendedores que matavam cachorros de donos cristãos.

Abafando umas risadinhas nervosas, Greg voltou ao Mercury, entrou e deu uma rápida marcha a ré. Virou à direita na estrada de terra que seguia reta como um fio pelo milharal e logo alcançou cem quilômetros por hora, deixando para trás uma nuvem de poeira com três quilômetros de extensão.

Com toda a certeza, não queria perder o emprego. Ainda não. Estava ganhando um bom dinheiro — além das atividades da American Truthway, Greg tinha uma agenda própria, de que a empresa não fazia ideia. Ele a estava cumprindo naquele momento. Além disso, viajando de um lado para outro, passara a conhecer muita gente... muitas garotas. Era uma boa vida, só que...

Só que ele não estava satisfeito.

Continuou dirigindo, a cabeça latejava. Não, simplesmente não estava satisfeito. Sentia que estava destinado a coisas maiores do que dirigir pelo Meio-Oeste vendendo Bíblias e adulterando os recibos de venda para somar um adicional de dois dólares diários às comissões. Sentia que estava destinado à... à...

*À grandeza.*

Sim, era isso, era exatamente isso. Algumas semanas antes, levava uma moça para o celeiro. Os pais dela estavam em Davenport, vendendo um carregamento de galinhas. Ela começou oferecendo a Greg um copo de limonada, e uma coisa simplesmente levou a outra. Depois de ser possuída, a moça disse que teve a impressão de ter sido seduzida por um pastor. Então Greg a esbofeteou, ele mesmo não sabia o porquê. Deu-lhe um tapa e foi embora.

Bem, não.

Na realidade, ele deu três ou quatro tapas. Até ela começar a chorar, depois a gritar pedindo socorro. Então ele parou e de alguma forma (teve que usar cada grama do charme que Deus lhe deu) conseguiu consertar as coisas com a moça. Foi nessa ocasião que sua cabeça começou a doer, os grãos pulsantes e brilhantes disparando, dando cambalhotas no seu campo de visão. Ele tentou dizer a si mesmo que era o calor, o calor explosivo do celeiro. Mas não foi apenas o calor que fez sua cabeça doer: foi a mesma coisa que sentiu no pátio da fazenda quando o cachorro rasgou sua calça, uma coisa obscura e insana.

— Não estou louco! — gritou ele no carro. Abriu rapidamente a janela, deixando entrar o calor do verão, o cheiro de poeira, de milho e estreme. Ligou o rádio em volume alto e sintonizou uma canção de Patti Page. A dor de cabeça diminuiu um pouco.

Era tudo questão de se controlar e... e procurar manter a ficha limpa. *Se você agir corretamente, ninguém poderá te ferrar.* E ele estava se aperfeiçoando nas duas coisas. Não tinha mais tão frequentemente aqueles sonhos com o pai, os sonhos em que o pai o olhava de cima, com o capacete de operário puxado para trás, e gritava: *Você não é bom, tampinha! Não tem porra nenhuma de bom!*

Já não tinha tanto esses sonhos, simplesmente porque eles já não correspondiam à realidade. Não era mais um tampinha. Tudo bem, vivia doente quando era garoto, muito pequeno, mas crescera e agora cuidava de sua mãe...

Seu pai havia morrido e não podia ver como o filho estava hoje. Não podia fazer o pai engolir o que tinha dito, porque ele havia sido vítima da explosão de uma torre de perfuração de petróleo e morrera. Mas por uma vez, só uma, Greg gostaria de desenterrá-lo e gritar em sua cara apodrecida: *Você estava errado, papai, você estava errado a meu respeito!* E depois lhe dar um bom chute, que nem quando...

Quando chutou o cachorro.

A dor de cabeça estava de volta, mais fraca.

— Não estou louco — repetiu sob o som da música. Sua mãe sempre lhe dizia que ele nascera para alguma coisa grande, alguma coisa notável, e Greg acreditou. Só era preciso manter as coisas sob controle, como esbofetear a garota ou chutar o cachorro, e a ficha limpa.

Não importava qual fosse sua grandeza, ele saberia quando chegasse a hora. Tinha bastante certeza disso.

Pensou de novo no cachorro e, desta vez, o pensamento trouxe o leve contorno de um sorriso, sem humor nem compaixão.

Sua grandeza se aproximava. Talvez ainda estivesse anos à frente — ele era jovem, sem dúvida, não havia nada errado em ser jovem desde que se soubesse que não se podia ter tudo de uma hora para outra. Desde que se acreditasse que as coisas iam acontecer. E ele acreditava nisso.

E que Deus e o Menino Jesus ajudassem qualquer um que entrasse no caminho dele.

Greg Stillson expôs um cotovelo bronzeado de sol pela janela e começou a assobiar acompanhando a música do rádio. Pisou no acelerador, levou aquele velho Mercury a cento e dez por hora e seguiu, em Iowa, a estradinha reta de terra para o futuro, fosse lá qual fosse, que pudesse haver à frente.

I

# A RODA DA FORTUNA

# 1

## 1

As duas coisas de que Sarah se lembraria mais tarde, sobre aquela noite, seriam a sorte que Johnny teve na Roda da Fortuna e a máscara. Mas, à medida que o tempo passasse, que os anos se passassem, seria da máscara que ela mais se lembraria — pelo menos quando se dispusesse a pensar naquela noite terrível.

Johnny morava em um prédio em Cleaves Mills. Sarah chegou lá às quinze para as oito, estacionou na esquina e tocou o interfone. Naquela noite eles iam no carro dela, porque o dele estava encostado na oficina do Tibbets, em Hampden, com a caixa de direção emperrada ou coisa parecida. Um conserto caro, Johnny lhe disse ao telefone, rindo logo depois à maneira típica de Johnny Smith. Sarah estaria aos prantos se fosse com ela — doeria no bolso.

Ela atravessou o foyer em direção à escada, passando pelo quadro de avisos. Estava sempre cheio de cartões anunciando motos, componentes de aparelhos de som, serviços de datilografia, apelos de pessoas que queriam carona para o Kansas ou para a Califórnia e de pessoas que estavam indo de carro para a Flórida e queriam caronas para revezamento no volante e ajuda nas despesas de combustível. Naquela noite, porém, o quadro estava dominado por um grande cartaz que exibia um punho cerrado contra um agressivo fundo vermelho que sugeria explosão. A única palavra escrita no pôster era GREVE! Estavam no final de outubro de 1970.

Johnny morava no apartamento de frente do segundo andar — na cobertura, como ele dizia —, onde podia ficar de smoking como Ramón Novarro, beber um bom gole de vinho Ripple em uma taça gorda e contemplar



o grande e pulsante coração de Cleaves Mills: as pessoas saindo apressadas dos espetáculos, a confusão dos táxis, os letreiros de néon. Havia quase sete mil histórias na cidade. Esta seria uma delas.

Na realidade, Cleaves Mills era basicamente uma rua principal, que tinha um semáforo no cruzamento com uma rua secundária (depois das seis horas, o semáforo ficava piscando apenas a luz amarela), umas duas dúzias de lojas e uma pequena fábrica de mocassins. Como a maioria das pequenas cidades ao redor de Orono, onde ficava a Universidade do Maine, sua verdadeira indústria girava em torno dos produtos que os estudantes consumiam: cerveja, vinho, gasolina, rock 'n' roll, fast-food, drogas, alimentos, moradias, filmes. O nome do cinema era The Shade, e no período das aulas exibia filmes de arte e obras nostálgicas dos anos 1940. Nas férias de verão, mudava a programação para os faroestes macarrônicos de Clint Eastwood.

Tanto Johnny quanto Sarah tinham concluído seus estudos havia um ano e estavam lecionando no Cleaves Mills High, um dos poucos colégios que ainda atendiam a três ou quatro cidades vizinhas. Os estudantes da Universidade do Maine, assim como os professores e demais funcionários, usavam Cleaves como dormitório, e a cidade tinha uma arrecadação invejável de impostos. Tinha também o excelente colégio, com uma sala de mídia novinha em folha. Os habitantes da cidade reclamavam da patotinha da universidade, com seu papo-cabeça, suas marchas comunistas pelo fim da guerra e sua intromissão na política local, mas nunca diziam não aos dólares de impostos que eram pagos anualmente pelos atraentes alojamentos das faculdades e os prédios na área que alguns estudantes chamavam de Jardim Periferia e outros de Via Ordinária.

Sarah bateu na porta de Johnny e a voz dele, estranhamente abafada, respondeu:

— Está aberta, Sarah!

Franzindo um pouco a testa, ela empurrou a porta. O apartamento estava em total escuridão, só interrompida pelo incessante clarão do amarelo piscante do sinal, a meia quadra de lá. A mobília não passava de sombras escuras.

— Johnny...?

Acreditando se tratar de um fusível queimado ou algo do gênero, ela deu um hesitante passo à frente... e então um rosto apareceu flutuando na

escuridão, um rosto horrível saído de um pesadelo. Tinha um brilho verde espectral, apodrecido. Um olho parecia muito aberto, arregalado para ela em uma mistura de dor e medo. O outro estava fechado com força, em um esgar sinistro. A metade esquerda do rosto, a metade com o olho aberto, parecia normal. Mas a metade direita era o rosto de um monstro, deformado e inumano, os lábios grossos contraídos revelando dentes salientes que também brilhavam.

Sarah deu um gritinho estrangulado e um passo trôpego para trás. Então as luzes se acenderam e, em vez de algum limbo sombrio, tudo voltou a ser apenas o apartamento de Johnny — o quadro de Nixon tentando vender carros usados, o pequeno tapete trançado feito pela mãe de Johnny estendido no chão, as garrafas de vinho usadas como suportes para velas. A face parou de brilhar e ela viu que era uma máscara barata de Halloween, só isso. No buraco de um dos olhos, o olho azul de Johnny piscava para ela.

Johnny tirou a máscara e ficou sorrindo amavelmente com sua calça jeans desbotada e um suéter marrom.

— Feliz Halloween, Sarah!

O coração dela ainda estava disparado. Ele realmente conseguira assustá-la.

— Muito engraçado — disse Sarah, virando-se para sair. Não gostava que brincassem com ela daquele jeito.

Ele a alcançou no vão da porta.

— Ei... me desculpe!

— Devia ter pensado duas vezes.

Ela o encarou friamente... ou melhor, tentou. A raiva já estava se dissipando. Era simplesmente impossível ter raiva de Johnny, esse era o problema. Quer Sarah o amasse, quer não (uma coisa que nem ela mesma sabia), era impossível ficar infeliz por muito tempo perto dele ou guardar algum ressentimento. Duvidava que alguém algum dia tivesse conseguido guardar rancor de Johnny Smith, um pensamento tão absurdo que ela não pôde deixar de sorrir.

— Assim está melhor — falou ele. — Cara, achei que estava mesmo querendo ir embora por causa da brincadeira.

— Não sou um cara.

Ele fixou os olhos nela.

— Nota-se.

Sarah usava um volumoso casaco de peles — imitação de pelo de guaxinim ou algo igualmente vulgar — e aquele inocente ar maroto a fez sorrir outra vez.

— Nesta coisa seria impossível saber — disse ela.

— Ah, sim, eu sei — disse ele, colocando um braço em volta dela e lhe dando um beijo. A princípio Sarah não reagiu, mas claro que acabou correspondendo.

— Desculpe se te assustei — disse ele, esfregando afetuosamente o nariz dela contra o seu antes de soltá-la. Ergueu a máscara. — Achei que ia mesmo me dar um pé na bunda. Vou usar isto na festinha de sexta-feira.

— Ah, Johnny, não é uma boa ideia usar isso na escola.

— Mas vai causar o efeito que quero — disse ele com um sorriso largo. E o pior era que causaria mesmo.

Todos os dias ela ia para a escola usando óculos grandes, o cabelo puxado para trás em um coque tão apertado que parecia prestes a gritar. Sua saia cobria os joelhos, em uma época em que a maioria das garotas vestia saias que cobriam praticamente só a calcinha (e suas pernas eram melhores que as de qualquer uma delas, Sarah pensava, ressentida). Levava consigo um mapa de lugares em ordem alfabética que, ao menos pela lei das probabilidades, devia manter os bagunceiros distantes uns dos outros na sala de aula. Sarah não hesitava em mandar os encenqueiros para o diretor-assistente, pensando no adicional de quinhentos dólares anuais que ele ganhava para dar broncas e ela não. E, ainda assim, seus dias eram uma constante batalha com o grande pavor dos professores novatos: o comportamento dos alunos. Para piorar as coisas, Sarah começou a sentir que havia um júri coletivo e velado (uma espécie de consciente coletivo da escola), que deliberava sobre cada novo professor. E que o veredicto sobre ela não era dos melhores.

Johnny, no entanto, parecia o contrário de tudo o que um bom professor deveria ser. Ele passava de uma turma à outra causando uma agradável fascinação, frequentemente entrando atrasado por ter parado para bater papo com alguém no intervalo. Deixava os alunos sentarem onde bem entendessem, de modo que, de um dia para outro, nunca via a mesma cara sentada no mesmo lugar (e os bagunceiros da turma invariavelmente gra-